

Capítulo 1 - Um campo em construção

Ao longo das primeiras duas décadas do século passado, a cidade de São Paulo acompanhou um incremento significativo do interesse pela prática do futebol. Como parte importante do processo e também reflexo dessa popularização, os antigos e novos periódicos da cidade começam a dar maior destaque às suas seções esportivas. Dentro do mesmo movimento, começavam a surgir novas publicações voltadas especificamente para o esporte: enquanto até a década de 1910 foram criadas na capital paulista cinco folhas dedicadas à cobertura esportiva, só durante a década seguinte mais seis folhas vinham a público com o mesmo perfil¹, comprovando o crescente interesse pelo tema. Dentre os esportes, no entanto, era mesmo o futebol que atraía as maiores atenções, o que resultou na publicação em 1918 de dois livros sobre a história do futebol na cidade: *História do futebol de São Paulo* de Antônio Figueiredo² e *O futebol em São Paulo* de Leopoldo Santanna.³

Em plena adolescência, Thomaz Mazzoni vivia este contexto de popularização do esporte e crescimento da imprensa esportiva em São Paulo. Diante de seu contato diário como praticante e espectador do esporte, o adolescente começava a construir sua relação e pensamento sobre o tema. Após voltar do serviço militar na Itália, perto de completar vinte anos, ingressou na carreira jornalística, tendo seu primeiro emprego no semanário *S. Paulo Sportivo* a partir de 1920. Segundo o depoimento de seu sobrinho,⁴ Mazzoni não contou para sua família logo que deu início ao seu trabalho na folha. Após dias chegando de madrugada, no entanto, seus pais trataram de descobrir aonde seu filho ia todos aqueles dias, tomando consciência da situação. Possivelmente, o jovem jornalista teria escondido sua ocupação em virtude da possível repressão de seus pais, que desde antes não entendiam como benéfico o interesse de seu filho pelo esporte. De

¹ Estas informações são retiradas do texto de Adriano Neiva, importante jornalista santista do início do século XX, mais conhecido pelo apelido “De Vaney”, como assinava seus textos. O artigo foi publicado originalmente no livro, de 1956. NEIVA, Adriano. “A imprensa e o rádio” In *60 anos de futebol em S. Paulo*. São Paulo, Ed. FPF, 1956.

² FIGUEIREDO, Antônio. *História do futebol de São Paulo*. São Paulo: Ed. Seção de obras de O Estado de São Paulo, 1918.

³ SANTANNA, Leopoldo. *O futebol em São Paulo*. São Paulo: S/e, 1918.

⁴ Depoimento de João Clouzet Mazzoni, entrevista concedida em 10 de Julho de 2012, São Paulo.

forma concomitante, tal atitude se explica pelo fato de se ao mesmo tempo em que o jornalismo era a porta de entrada para alguns homens que queriam viver das letras, ou construir uma carreira pública de sucesso,⁵ a seção esportiva seria a porta de fundo desse processo, sendo historicamente a ocupação menos valorizada na redação.⁶ Por esta razão, Mazzoni teria afirmado que só trabalhava lá para ajudar o dono do jornal, que, segundo ele, era tuberculoso, e nem cobrava por estes serviços. Dessa forma, construía uma imagem atrelada ao voluntariado para seus pais e não como uma profissão, permitindo que pudesse exercer a atividade sem os ônus negativos atrelados a ela naquele momento.

Mal sabiam seus pais que, a partir desse início tímido, Mazzoni começava a construir uma carreira jornalística que, em poucos anos, faria dele um dos mais destacados cronistas esportivos da cidade. Mais do que sua carreira individual, no entanto, sua trajetória jornalística nos permite compreender a configuração da própria imprensa esportiva – que, sob o impulso de homens como Mazzoni, redefiniria suas formas naqueles anos, construindo um campo próprio de legitimidade. Desse modo, a análise dos primeiros anos de atuação do jornalista se apresenta como meio de compreender a consolidação desse campo, de cuja consolidação ele participou de forma tão ativa.

1.1 *S. Paulo Sportivo*

Em um cenário no qual a imprensa esportiva ainda era vista como espaço de menor importância dentro do jornalismo, mesmo folhas esportivas de certo destaque no período – como o jornal *S. Paulo Sportivo*, no qual ingressou o jovem Mazzoni – não chegavam a ser encaradas como portadoras de uma memória digna de guarda e coleta. Por esse motivo, poucos foram os exemplares deste jornal

⁵ Na obra *48 anos de “A Gazeta”*, uma espécie de escrito memorialista e análise da história desta folha, Miguel Arco e Flexa afirmou que nas primeiras décadas do século XX “trabalhar em jornal (...), significava obter um ‘passe-par-tour’, assim como uma passagem de bonde para o Palácio do Governo. Trabalhar em jornal era um ‘bico’ que de certo modo assegurava, a quem fosse admitido no círculo fechado que era a imprensa daquele tempo, uma esperança de se tornar alguma coisa no ‘mundo’. Por exemplo: fazer-se funcionário público, para assegurar-se, no fim de cada mês, um vencimento certo, uma comida regular e um sono reparador”. ARCO E FLEXA, Miguel. *48 anos de “A Gazeta”*. São Paulo, Fundação Casper Líbero, 1954. P. 06.

⁶ Maurício Stycer afirma que até hoje o jornalismo esportivo é visto dentro das redações como um exercício jornalístico menor, “visto como uma especialidade subalterna, de pouco prestígio interno nos jornais. (...) Os jornalistas esportivos, entre os mais mal pagos na redação, sempre conviveram com denúncias de sérios problemas éticos”. STYCER, Maurício. *História do Lance! Projeto e prática do jornalismo esportivo*. São Paulo, Ed. Alameda, 2009. P. 20.

guardados nos acervos públicos, nos quais foi possível localizar apenas dois volumes de 1922, e três edições de 1925. Ainda assim, tais edições nos permitem compreender a linha editorial seguida pela publicação, assim como o sentido da atuação do jornalista dentro dela.

Pela capa da edição do dia 28 de Agosto de 1922 podemos concluir que o semanário começou a circular em 1920,⁷ ano em que Thomaz Mazzoni ingressou na carreira jornalística. Em 1922, “ano III” da folha, que tinha sua sede na “Ladeira do Carmo, Nº 25”, também era publicado abaixo de seu título a alcunha de “Semanário esportivo de maior circulação no Brasil”.⁸ Por mais que possamos entender esse slogan como uma estratégia de marketing de autopromoção, sem um sucesso considerável esta frase nem poderia ser cogitada. Atestando esta penetração da folha, o cronista italiano, em um de seus anuários esportivos, também afirmava se tratar de “um semanário de grande aceitação e popularidade, em épocas passadas”⁹.

Segundo Mazzoni, um dos grandes responsáveis por esta popularidade era um de seus fundadores, “Genaro Rodrigues (Nage)”¹⁰. Segundo o *Almanach Esportivo 1928*, este foi um dos “iniciadores da ‘crônica humorística’, nas seções esportivas dos nossos jornais”. Também “colaborou com inúmeras publicações, onde sempre obteve sucesso com suas crônicas impagáveis”.¹¹ Acompanhando a opinião do anuário, Adriano Neiva, ao tratar dos cronistas paulistanos das primeiras duas décadas do século XX, afirmou serem suas crônicas “sempre bem humoradas”.¹² Dessa forma, as crônicas de caráter humorístico de seu proprietário ajudavam a dar ao semanário uma identidade especial, marcada pelo tom menos formal e por um noticiário que incorporava certo tom opinativo e irreverente em suas matérias.¹³

⁷ Esta informação é confirmada pelo texto de NEIVA, Adriano. “A imprensa e o rádio” In *60 anos de futebol em S. Paulo*. São Paulo, Ed. FPF, 1956.

⁸ *S. Paulo Sportivo*. 28 de Agosto de 1922.

⁹ MAZZONI, Thomaz. *Almanaque Esportivo 1928*. Op. Cit. P. 288.

¹⁰ *Ibidem*. P. 288.

¹¹ MAZZONI, Thomaz. Op. Cit. P. 288.

¹² NEIVA, Adriano. “A imprensa e o rádio” In *60 anos de futebol em S. Paulo*. São Paulo, Ed. FPF, 1956.

¹³ Segundo Melo, o processo inicial de apenas relatar os fatos e acontecimentos esportivos transita de forma contínua para uma imprensa mais opinativa desde meados do final do século XIX e início do XX. MELO, Victor Andrade. “Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de

Outro fundador do *S. Paulo Sportivo* foi Jatyr Gomes – que durante os anos de 1910 atuara como professor na Escola Normal de São Carlos¹⁴, contribuindo com seus poemas para a publicação do *Almanach – Álbum de São Carlos*.¹⁵ Thomaz Mazzoni, reconheceria, em texto publicado posteriormente, o grande conhecimento de Jatyr sobre o esporte. No entanto, era o lado pessoal que marcava a memória do jornalista em relação ao seu primeiro chefe:

“Foi a alma boa do esporte paulista, que encheu com suas crônicas altamente proficientes. O Jatyr foi o sorriso da malícia, a gargalhada da ‘verve’ dentro do nosso esporte, de que ele possuía o maior conhecimento. Foi um batalhador alegre, e com ele, na melhor e mais gloriosa fase do *S. Paulo Sportivo*, militaram muitos dos novos. Faleceu em 1924.”¹⁶

Na lembrança de Thomaz Mazzoni, o antigo proprietário aparece como uma espécie de professor que “dentro do nosso esporte” tinha grande conhecimento. Por isso, assim como o próprio jornalista, outros futuros profissionais do ramo militaram e trabalharam na folha. Como indica Mazzoni, tratava-se assim de um personagem de forte penetração no mundo esportivo paulista, do qual seria grande conhecedor, tendo atuado ativamente em sua consolidação – como faziam, no período, outros jornalistas como como Leopoldo Santanna, ex-atleta que viraria também dirigente esportivo¹⁷.

Também ligado de formas diversas ao mundo esportivo paulista era o terceiro e último proprietário do semanário, Odilon Penteado do Amaral - que chegou a atuar como juiz enquanto exercia a carreira de jornalista¹⁸. Segundo Thomaz Mazzoni, Amaral, um “abalizado crítico de futebol era “autor de diversos trabalhos sobre o futebol”.¹⁹ Destes, foi possível localizar o livro “Cousas de football”, de 1920 - obra que apresenta algumas normas de como os jogadores deveriam se comportar em campo.²⁰ Percebe-se, assim, que o

Janeiro do século XIX e década inicial do século XX” In *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Faperj e 7 Letras, 2012.

¹⁴ VAROTTO, Michele. *As apropriações das ideias educacionais de Jonh Dewey na Escola Normal de São Carlos*. Dissertação de Mestrado, apresentada no Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade de São Carlos – UFSCAR. 2012, São Paulo.

¹⁵ CASTRO, Franklin. *Almanach – Álbum de São Carlos*. São Carlos, Typographia Artística, 1916.

¹⁶ MAZZONI, Thomaz. *Almanaque Esportivo 1928*. Op. Cit. P. 289.

¹⁷ MAZZONI, Thomaz. *Almanaque Esportivo 1928*. Op. Cit. P. 290.

¹⁸ AMARAL, Odilon Penteado do. “Apresentação” IN *Cousas de football*. São Paulo: S/e, 1920.

¹⁹ MAZZONI, Thomaz. *Almanaque Esportivo 1928*. Op. Cit. P. 293.

²⁰ Podemos observar este caráter normatizador do comportamento dos jogadores no trecho a seguir: “Si procederdes cavalheiramente para com vosso adversário, para com os assistentes, e

proprietário do *S. Paulo Sportivo* trazia para seus escritos os conhecimentos e práticas ligados à sua atuação como árbitro esportivo.

O relato de Thomaz Mazzoni sobre seus antigos chefes e também sobre o próprio *S. Paulo Sportivo* nos permite entender o papel destacado que a folha teve na sua formação jornalística, para a qual a teria servido de escola. Para compreender o sentido desse aprendizado, cabe lançarmos um olhar mais detido sobre algumas edições do jornal – de modo a tentarmos entender a relação entre o perfil deste jornal e de seus proprietários e o modo pelo qual Mazzoni passou a atuar como jornalista nos anos seguintes. Um primeiro indício, nesse sentido, nos é dado pela capa da folha no dia 22 de agosto de 1922:



S. Paulo Sportivo. 28 de Agosto de 1922.

Comuns no *S. Paulo Sportivo*, capas como estas chamavam atenção do leitor ao primeiro olhar. Isto porque, além de ostentar o slogan citado no início deste subcapítulo, era rica em fotografias que ocupavam quase todo a página de abertura. Além disso, os chamados “clichês” recebiam tratamento gráfico para a publicação, seja no recorte das fotos para deixar apenas um jogador em destaque,

acatando todas as decisões dos dirigentes da pugna, tendes demonstrado possuir uma alevantada educação e, com isso, não restará a menor dúvida de que o transcurso do match será infalivelmente prenhe de lances belíssimos. Tão pronto tenha magoado um vosso leal adversário, atingindo-o casualmente com o pé, numa rebatida falsa, não vos demoreis em solicitar-lhe desculpas pelo incidente, pois ele, cavalheiro que é, não se lastimará por certo em reconhecer a involuntariedade da falta”. AMARAL, Odilon Penteadado do. “Apresentação” IN *Cousas de football*. São Paulo: S/e, 1920.

ou construindo um círculo no entorno do rosto dos jogadores, enfatizando a feição dos mesmos.²¹ Este tipo de recurso gráfico não era muito comum no início da década de 1920. *O Estado de São Paulo*, apesar de contar com uma rica seção esportiva, mal publicava imagens em suas páginas.²² Já a coluna “Sport”, do *Correio paulistano*, além de não apresentar nenhum material iconográfico, também não contava com muito espaço na folha, tendo apenas uma coluna e meia na página.²³ Ao modificar esse padrão, a nova folha passava a atrair o leitor pelo olhar, promovendo uma maior aproximação visual entre os interessados pelo jogo e os personagens e acontecimentos ligados ao seu desenrolar.

Outro detalhe capaz de chamar a atenção do leitor na capa do semanário eram os títulos e subtítulos das matérias. Naquele dia 22 de Agosto destacava-se, em letras garrafais e em negrito, o título “A luta entre paulistas e cariocas no Rio de Janeiro”, e os subtítulos de chamada para matérias com letras um pouco menores “O encontro Palmeiras X S. Cristóvão – As competições atléticas do Rio de Janeiro pelo nosso enviado especial”.²⁴ Deste modo, o leitor assim que olhasse para a primeira folha do jornal logo identificaria os assuntos principais desta edição - que não por acaso, eram em sua maioria sobre futebol, já na época o esporte mais popular em São Paulo. Este artifício gráfico também não era usado em jornais de grande circulação como *O Estado de São Paulo* e o *Correio Paulistano*. Evidenciava-se, com isso, que para aquela folha eram aqueles acontecimentos esportivos o que de mais importante havia acontecido na semana – na definição de uma primazia que fazia do esporte tema mais relevante que os fatos políticos e sociais destacados em outras folhas.

Outra evidência do destaque assumido pelo futebol nessa folha era a utilização corriqueira da figura do “enviado especial” para eventos esportivos, não muito comum nos periódicos do período. Como a cobertura esportiva era tida como um exercício jornalístico menor, os custos a ela destinados pela grande imprensa também eram menores comparados com outras seções e temas. Somente em um semanário dedicado abertamente ao futebol, como o *S. Paulo Sportivo*, faria sentido assim a figura de um “enviado especial” para esse tipo de temática..

²¹ *S. Paulo Sportivo*. 28 de Agosto de 1922.

²² *O Estado de São Paulo*. 28 de Agosto de 1922.

²³ *Correio Paulistano*. 28 de Agosto de 1922.

²⁴ *S. Paulo Sportivo*. 28 de Agosto de 1922.

Por fim, um último elemento que chama atenção na capa do semanário é a presença de uma propaganda bem na parte central da folha. A publicidade em questão se refere à marca “Goal – cigarros de luxo” - um nome bem sugestivo para entendermos o público alvo que a marca queria chegar, ou seja, os interessados em futebol. Mas a atratividade do produto não se encerrava apenas no nome, pois em cada carteira havia um “artístico retrato de um ‘player’ paulista”.²⁵ Neste sentido, a identificação do *S. Paulo Sportivo* com os esportes e, em especial, com o futebol, atraía anunciantes também focados neste tipo de público. A própria ocorrência desse tipo de estratégia de marketing chama atenção para o incremento do mercado futebolístico em São Paulo, onde o semanário era parte e reflexo desse processo.

Não se restringiam à capa, no entanto, as peculiaridades da folha. A parte escrita do jornal, que trazia a cobertura da partida entre a seleção dos cariocas e a dos paulistas realizada no Rio de Janeiro, expressava também uma forma singular de prática jornalística. Escrita pelo dito “enviado especial” – que podia ter sido o próprio Thomaz Mazzoni, dado que por ser novo na folha ele provavelmente trabalhava então como repórter de campo – a narrativa apresentava uma forma também singular frente ao texto usual de outros jornais do período. Com o título da matéria em negrito e com letras garrafais, “Como se desenrolou a importante luta travada ontem no Rio de Janeiro”, o texto do “enviado especial” se inicia comentando alguns aspectos da “colossal e barulhenta multidão” presente na “praça de esportes do Botafogo F. C”. Sem limitar-se a descrever a disputa, no entanto, o texto assumia dimensões narrativas mais amplas, começando por comentar o clima que cercava o dia da partida: “O dia amanheceu belo. A tarde esteve quente. Um sol ardente e impiedoso, espiava por entre as nuvens, abrasando com seus raios sufocantes aquela formidável assistência curiosa”²⁶, escrevia o cronista. Depois, passava a dar suas opiniões sobre a “assistência”:

“Muito antes de começar a pugna, não havia nas vastas dependências do campo do simpático alvi-negro um lugar vago sequer. Lindas torcedoras com trajes garridos, pugnam uma nota alegre na heterogênea confusão de espectadores ansiosos. Um

²⁵ *S. Paulo Sportivo*. 28 de Agosto de 1922.

²⁶ *S. Paulo Sportivo*. 28 de Agosto de 1922.

murmúrio surdo se erguia da imensa mole para se perder na vastidão do ar. Todos esperavam nervosos o momento da grande pugna”.²⁷

Através de uma narração nada objetiva, com certa pretensão literária, o cronista fazia com que o leitor conseguisse vislumbrar como estava o estádio da partida, o clima da cidade, assim como as pessoas, e qual eram os seus sentimentos, que ali estavam presentes. Adicionando elementos novos ao modo tradicional de cobertura dos eventos esportivos, marcado em geral por uma descrição mais direta dos lances da partida, Mazzoni participava assim do processo de transformação da cobertura esportiva, que progressivamente assumia uma marca narrativa própria dentro dos jornais.

No prosseguimento da crônica, o enviado especial comentava a entrada dos times e a recepção da torcida em relação às equipes. Segundo ele, a recepção da equipe paulistana foi pouco amistosa, marcada que foi por vaias e morteiros. Por acreditar que os cariocas seriam os vencedores, a equipe do Rio de Janeiro teria sido recebida pela sua torcida “sob uma imensa, delirante e prolongada salva de palmas”.²⁸ Esta atitude pouco amistosa em relação ao time adversário, hoje muito comum, em tese, não era o que se esperava das torcidas presentes a uma partida de futebol. Esperava-se que o público presente compartilhasse dos nobres ideais que se apregoava a prática esportiva, ideais esses que poderiam contribuir com processo civilizatório do país.²⁹ Portanto, o enviado fazia menção implícita em seu texto a essa expectativa de elevação que seria própria do esporte bretão – ainda que, na prática, já fossem comuns tanto no futebol de várzea quanto nas disputas oficiais das Ligas principais os famosos sururus nas torcidas e brigas entre as equipes.³⁰ Apesar de naturalizar esta atitude nobre no âmbito futebolístico, o autor da matéria produzia uma distinção clara entre o outro, no caso a torcida carioca, e um suposto modelo de torcer, deixando evidente que

²⁷ Ibidem.

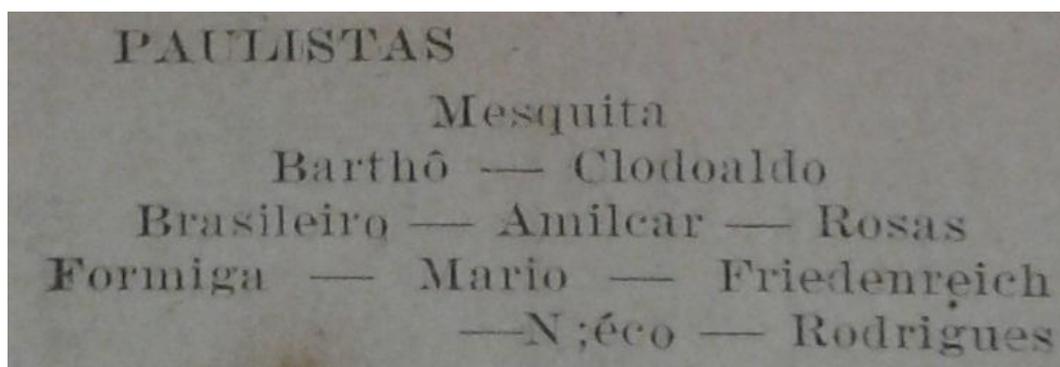
²⁸ Ibidem.

²⁹ Para saber mais sobre os ideais apregoados ao esporte em sua introdução no Brasil ver PEREIRA, Leonardo. “Um fidalgo sport?” In *FootballmaniaII: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 2000.

³⁰ Ficou famosa a briga ocorrida na partida Palestra Itália e Paulistano válida pelo campeonato da APEA – Associação Paulista de Esportes Atléticos - de 1918. Segundo Thomaz Mazzoni, o árbitro da partida teria marcado “uma pena máxima sem razão de ser” contra a equipe “palestrina”, por esta razão, a “reação contra a absurda decisão não se fez esperar”, tendo saído quatro jogadores da equipe de campo, e esta permanecendo com apenas sete atletas até fim. Após este episódio, o Palestra Itália se retirou do campeonato e junto com outros clubes fundou outra liga, entidade esta de vida efêmera “graças a intervenção amigável da Associação dos Cronistas”. MAZZONI, Thomaz. *Almanach Esportivo 1929*. São Paulo, S/e, 1929. P. 301 – 302.

esses ideais não eram mais um princípio efetivamente compartilhado. Neste sentido, podemos observar como no processo de construção da imprensa esportiva este tipo de opinião estava fortemente presente nos escritos das primeiras décadas. E no desenvolvimento de um novo estilo de jornalismo esportivo esta atividade seria empreendida no diálogo entre esta visão pedagógica do esporte e o seu contato com uma visão meramente lúdica e desportiva que iriam marcar os empreendimentos de maior sucesso nas décadas de 1930 e 1940.³¹

Prosseguindo os comentários sobre a partida, o jornalista dá a escalação das duas equipes e também identifica o árbitro do jogo. Porém, a escalação é descrita não de forma sequencial, e sim apresentada da mesma forma como se organizavam em campo – o que tornava a leitura mais elucidativa e atrativa para os leitores, como indica a reprodução da matéria:



S.Paulo Sportivo. 28 de Agosto de 1922

Ao dispor as equipes no mesmo formato que estas entravam em campo, a folha conseguia transparecer mesmo para aqueles que não assistiram ao jogo a formação e composição dos times. No momento em que a televisão não tinha sido inventada, nem o rádio teria se tornado popular, este tipo de estratégia trazia a luz a preocupação de informar o leitor em que posição este ou aquele jogador se inseria no quadro que ocupava. Tal fato, possivelmente, se não seria uma novidade na imprensa paulista, não era comum ou usada por jornais como *O Estado de São Paulo* e o *Correio Paulistano*.

Após as escalações a matéria passou a cobrir como foi a partida e seus principais lances. Novamente, o semanário demonstrava preocupação com a experiência de leitura de seus compradores e assinantes. Ao longo de todo o texto,

³¹ Este tema será mais aprofundado no último subcapítulo deste capítulo.

desde seu início mais subjetivo em relação ao clima e a torcida na ocasião, a linguagem era informal e simples, sem o tom bacharelesco característico da imprensa esportiva nas primeiras décadas do século XX.³² Era com esse tom formal, por exemplo, que um repórter do jornal *O Estado de São Paulo* escrevia sua cobertura sobre o mesmo jogo:

“Quando do penúltimo encontro dos selecionados do Rio e de São Paulo, em São Paulo, dissemos que a Metropolitana conseguira por em campo, contra os paulistas, um dos melhores quadros de futebol que porventura tenham caído da Capital Federal”.³³

Nota-se, no trecho, a diferença que separava a forma de narração d’*O Estado de São Paulo* daquele adotado no mesmo período pelo *S. Paulo Sportivo*, bem menos formal. O periódico lançava mão de uma linguagem altamente rebuscada e usos de tom bacharelesco e frases serenas e objetivas, sem uso de figuras de linguagem e construção imagéticas sobre os comentários.

Não seria apenas na linguagem e na forma de conduzir o texto, no entanto, que as duas folhas se diferenciariam. O conteúdo das matérias através das quais o *S. Paulo Sportivo* e *O Estado de São Paulo* cobriam o mesmo evento. Na tradicional folha paulistana, podemos encontrar análises mais voltadas para questões técnicas ligadas ao jogo – como o desempenho da defesa, do ataque e da linha média das equipes. “E foi uma defesa realmente boa a dos cariocas, embora tivesse tido sobre os paulistas a vantagem de ter sido sempre auxiliada, e muito, pela linha média que sabia reforça-la a propósito e com proveito”, escreve um de seus articulistas tratando da mesma partida. Ao tratar o jogo como evento técnico, os redatores do Estado de São Paulo tentavam construir pra ele um ethos elevado, ligado mais à objetividade do que à emoção.³⁴

Inverso a esse seria o caminho tomado, naquele momento, pelo *São Paulo Sportivo*. Ao invés da análise técnica, o jornal tratava das partidas através de uma narrativa que acompanhava o desenrolar do jogo a cada lance, tematizando a ação dos jogadores e os dramas da partida:

³² DA SILVA, Marcelino. *Mil e uma noite de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2006. P. 97 – 100.

³³ *O Estado de São Paulo*. 28 de Agosto de 1922.

³⁴ *Ibidem*.

“(...) Néco toma a pelota à Oswaldinho e escapa. Fortes porém, persegue-o e impede-lhe a passagem. Os de S. Paulo voltam a atacar e Palamone salva. Os locais organizam um rápido ataque, porém continuam não rematando bem. Néco passa a bola a Arthur, este avança e devolve-lhe a esfera que ele incontinentemente envia a Rodrigues, o qual ao centrar põe fora. Lais intervém oportunamente. Registra-se um toque de Amilcar que Fortes põe por cima da trave. Leite escapa, centra bem e Amilcar corta com a cabeça esse passe (...)”.³⁵

Como podemos observar, a partida é relatada praticamente em todas as suas ações, os jogadores que participam de cada lance são identificados. De certo modo, este tipo de estratégia construía na mente do leitor um tipo de imagem sobre como a partida teria se desenrolado, muito mais do que informar os resultados e lances objetivos, estava em questão o fomento e uso da emoção em relação a cobertura das partidas.

Já o momento máximo da partida, isto é, o gol, era cercado de uma escrita que além da descrição das ações, ganhava ares de tensão nas páginas do *S. Paulo Sportivo*:

“A multidão se agita. Uma colossal salva de palmas acompanhadas de ‘hurrahs’ reboam pelo campo. No meio ensurdecedor das aclamações os paulistas saem atacando logo. Kuntz pratica uma bela defesa, mas não impede o primeiro ponto dos cariocas.

Por outro lado, *O Estado de São Paulo* descreve este momento como a mesma sobriedade e tom bacharelesco de outras partes do texto.

“Insistindo, porém, os cariocas nos seus ataques, para que aproveitavam bem a fraqueza dos médios, notadamente o esquerdo, não tardou a produzir efeito útil a premência da sua ofensiva. Num determinado movimento, Barthô faz uma má defesa com a cabeça indo a bala cair aos pés de Zezé que, chutando, marca o primeiro e único ponto dos cariocas”.³⁶

Assim, novamente fica evidente a diferença da forma de produzir o jornalismo esportivo na comparação entre os dois jornais, expressa pela forma em que ambos entendiam o fazer jornalístico. Se por um lado o semanário tinha como leitores os torcedores e admiradores do esporte, *O Estado de São Paulo* era um jornal mais atrelado às camadas sociais pertencentes à elite paulistana. Neste sentido, o editorial esportivo seguia a mesma linha dos outros cadernos. Até por esta adequação editorial, teria o futebol menos espaço nesta folha do que em alguns outros jornais, visto a preferência por dar o mesmo espaço para todas as

³⁵ *S. Paulo Sportivo*. 28 de Agosto de 1922.

³⁶ *O Estado de São Paulo*. 28 de Agosto de 1922.

práticas esportivas, tentando, portanto, diversificar sua cobertura.³⁷ Diferentemente do *S. Paulo Sportivo*, que dedicava mais espaço para o futebol, portanto, a esta demanda por notícias. Também seria neste sentido que podemos conceber a forma de narrativa construída e desenvolvida pelo semanário. Do crescimento da popularidade e da atenção dada ao futebol, a cobertura jornalística, de forma concomitante, construía uma nova forma de compreender e produzir a notícia, atrelada tanto a um público novo que passava a acompanhar o esporte, como também a busca por novas formas de entretê-lo.

Deste modo, nos primeiros anos de atuação jornalística de Thomaz Mazzoni este encontrou um das folhas que mais se diferenciariam das demais em termos de cobertura esportiva. Tal fato seria de serventia para que o jornalista construísse para si um tipo específico de produção jornalística, isto é, um estilo, sendo este, até por se tratar de um novato na profissão, ainda um aprendiz/aluno. O *S. Paulo Sportiva* seria, portanto, uma verdadeira escola de aprendizado de uma forma original de cobertura esportiva.

1.2 O aprendiz em ação

Nas edições encontradas do *São Paulo Sportivo* do ano de 1925 o nome de Thomaz Mazzoni já aparecia na capa do jornal com o cargo de gerente da folha.³⁸ Dessa forma, o jornalista começava a ascender em sua ainda breve carreira. O papel de gerente, levando-se em conta a boa possibilidade de existir uma pequena equipe jornalística no semanário, possivelmente, se tratava da organização tanto da parte editorial como da redação do *S. Paulo Sportivo*. Essa experiência daria ao jornalista um universo de novas responsabilidades que fatalmente o fariam ampliar seu olhar sobre a atividade da imprensa esportiva. Responsável pelo tom geral da folha, por sua parte gráfica e por seu conteúdo, ele alargava sua experiência na imprensa esportiva para campos ainda pouco explorados.

As responsabilidades de Mazzoni na folha seriam ainda maiores em virtude da mudança de sua direção ocorrida no mesmo período. Em 1925, a propriedade da publicação não estava mais nas mãos de seus antigos donos. O novo dono, que

³⁷ Cf. NEGREIROS, Plínio. *A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*. São Paulo. Tese de Doutorado, PUC – SP, 1998.

³⁸ *S. Paulo Sportivo*. 18 de Abril de 1925.

também acumulava o papel de diretor, era Mário Vespasiano de Macedo.³⁹ Segundo Thomaz Mazzoni, Macedo era um “cronista popular”, mas sua popularidade advinha de razões que, em tese, pouco tinha a ver com o fazer jornalístico - pois segundo Mazzoni ele “nunca escreveu uma crônica ou simples notícia”. Seu prestígio se ligava ao fato de que fosse um dos mais atuantes participantes “em qualquer reunião esportiva” - isto é, qualquer reunião de entidade responsável pelo esporte paulista,⁴⁰. Evidenciava-se, assim, que sua popularidade seria mais visível nos restritos círculos esportivos paulistanos – o que deixava a redação efetiva do noticiário esportivo a cargo do próprio Mazzoni.

Foi nessa nova fase, já sob a gerência de Mazzoni, que a folha fez a cobertura de um dos episódios mais marcantes do futebol paulista na década de 1920: a vitoriosa excursão do Paulistano a Europa em 1925.⁴¹ A importância dada pelo semanário foi tamanha que o próprio proprietário, Mário Vespasiano de Macedo, seria o enviado especial para cobrir a excursão.⁴² Na capa do dia 18 de abril de 1925 foi publicado em letras garrafais o título “O Paulistano na Europa”, com o subtítulo “o jogo de amanhã em Ruão – outras notas”, e com seis fotografias relacionadas ao tema, sendo uma com os “ecos da primeira vitória”. Tratava-se de uma imagem do instante do gol de Araken Patusca na primeira partida, imagem publicada originalmente no jornal europeu *Sporting*. Nas matérias de capa, apenas um tema não se relacionava a estadia do clube paulista na Europa, que seria um comentário rápido sobre a participação ou não do

³⁹ Ibidem.

⁴⁰ MAZZONI, Thomaz. *Almanach Esportivo 1928*. Op. Cit. P. 296 – 297.

⁴¹ Sobre esta excursão, umas das primeiras de clubes brasileiros a Europa, onde em dez partidas o clube da capital paulistana conquistou nove vitórias e apenas uma derrota, Thomaz Mazzoni afirmou que: “Poucas vezes até então, a capital paulista assistira a uma recepção tão entusiástica em suas ruas. O comércio quase que fechou totalmente. A estação da Luz foi tomada pelo povo. Centenas e centenas de automóveis formaram o cortejo organizado pela Associação de Cronistas, mas a torcida alucinada arrancou os jogadores dos carros e os levou em triunfo pela cidade.” MAZZONI, Thomaz. Apud. RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil*. São Paulo, Ed. Terceiro Nome. 2007. P. 64.

⁴² Como dito anteriormente, Thomaz Mazzoni afirmou que Macedo nunca escreveu uma notícia ou crônica qualquer, porém, os textos que cobrem as matérias sobre a estadia do Paulistano na Europa são assinadas com seu nome. Todavia, o fato curioso é explicado pelo próprio cronista italiano. Segundo este, no embarque para Paris, ainda no porto de Santos, o proprietário do *S. Paulo Sportivo* teria conseguido um dos melhores cronistas de São Paulo, “que fez parte da comitiva do Paulistano. Por isso, o *S. Paulo Sportivo* publicou aquelas lindas crônicas com a assinatura de nosso biografado, sem que ele estivesse escrito para seu jornal uma simples nota”. Thomaz Mazzoni se referia, possivelmente, ao jovem jornalista Américo Netto, que na época trabalhava para *O Estado de São Paulo*, e fez parte da delegação oficial da equipe para a Europa. MAZZONI, Thomaz. *Almanach Esportivo 1928*. Op. Cit. P. 296 – 297.

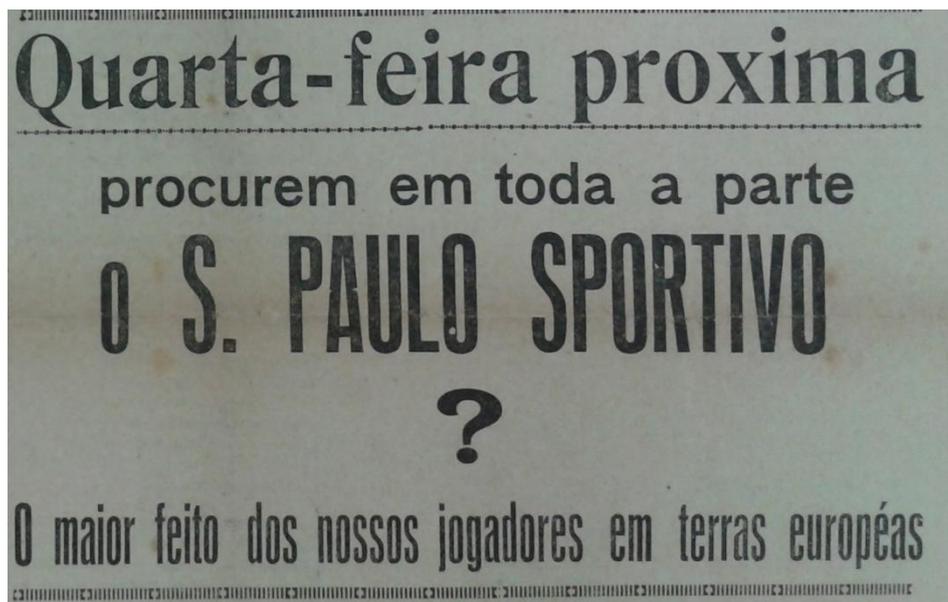
selecionado futebolístico brasileiro e uruguaio no “campeonato latino” que se realizaria naquele ano. Em destaque estariam os comentários sobre a próxima partida, como local, escalação, adversários entre outros detalhes sobre as condições de treinamento dos jogadores. Na parte inferior da página, “Homenagens ao glorioso na cidade Luz”, atestando que as partidas do clube paulista se tornaram um evento social brasileiro em Paris.⁴³ Por fim, ocupando boa parte da capa, o semanário fez questão de publicar diversos telegramas enviados do Rio de Janeiro, Ribeirão Preto, Santos e principalmente, São Paulo, à delegação do Paulistano na França.⁴⁴

Passados os primeiros bons resultados da equipe do Paulistano em campos europeus, a atenção voltada para os jogos foi ganhando páginas e mais páginas dos jornais da cidade de São Paulo. O próprio *S. Paulo Sportivo* publicou duas folhas com a crônica da partida, além de fotos da ocasião.⁴⁵ Além disso, o semanário passou a fazer publicidade sobre as coberturas dos jogos seguintes, com claro intuito de atrair mais leitores para a publicação, em letras garrafais podemos observar a chamada:

⁴³ Segundo o cronista, “brasileiros de alto destaque em São Paulo e no Rio ofereceu ao Sr. Antônio Prado Junior um jantar”, entre os presentes estariam o Embaixador brasileiro na França Dr. Souza Dantas, Washington Luís, o príncipe e a princesa de Orleans e Bragança, além de “representantes da imprensa, e das agências telegráficas, altos funcionários da embaixada e do consulado brasileiro, e vários brasileiros de destaque”. *S. Paulo Sportivo*. 18 de Abril de 1925.

⁴⁴ *S. Paulo Sportivo*. 18 de Abril de 1925.

⁴⁵ *S. Paulo Sportivo*. 25 de Março de 1925.



S. Paulo Sportivo. 25 de Março de 1925.

Como podemos observar, além da questão publicitária, que tinha objetivo de manter os leitores atentos as próximas matérias que envolveriam especialmente a excursão do Paulistano pela Europa, também é possível entendermos o caráter que aquelas vitórias foram adquirindo em terras brasileiras. Por ser a primeira vez que um clube brasileiro estaria em confronto contra equipes europeias no velho continente, cujas equipes eram tidas pela maioria da crítica jornalística como superior em técnica e jogo coletivo, os sucessos causavam comoção não apenas entre os torcedores do Paulistano, como também entre boa parte dos brasileiros e paulistas. Alimentado por jornalistas como Mazzoni, este sentimento de orgulho e euforia se expressavam em afirmações como a de que aquelas vitórias seriam “o maior feito dos nossos jogadores em terras europeias”, publicadas no *S. Paulo Sportivo*. Através do futebol, a folha da qual Mazzoni era gerente exaltava, portanto, a própria nacionalidade, cujo valor teria ficado expresso nos campos.

O sentimento de orgulho nacional causado pelo bom desempenho do Paulistano se configurava também na folha, através da publicação de uma manchete atribuída ao jornal francês *Le Journal*. Segundo os cronistas franceses, os jogadores brasileiros seriam os “Rois du football” – Reis do futebol - se destacando-se, em especial, a atuação de Arthur Friendereich. Na capa de *S. Paulo Sportivo* do dia 13 de Abril de 1925, além da publicação da frase feita pelos franceses, o semanário publicou uma série de nove fotos e respectivos

comentários com os “ecos do primeiro jogo na França”.⁴⁶ Novamente na capa da edição seguinte, mas agora em destaque, a folha publicara “‘Les roi dans le futebol’ impõem-se”. A partir da frase cunhada pelos jornalistas franceses, o semanário passou a atribuir como verdade à afirmação que os brasileiros eram os reis do futebol, ainda mais porque esta última vitória foi sobre o “campeão da França, o famoso Stade Français”.⁴⁷ Aproveitando-se do ambiente de ufanismo em torno da equipe paulista, a folha repercutia e agregava ainda mais sentidos a esta mobilização.

Não que tal postura tenha sido exclusividade dos redatores do *S. Paulo Sportivo*. Ainda assim, o modo pelo qual aparece esse tema na folha evidencia a distância que a separava da cobertura esportiva dos grandes jornais. Na capa do dia 23 de Abril, aparecia um texto que deixa ainda mais claro o sentimento nacional atrelado às vitórias dos brasileiros sobre os franceses. Por não ser a crônica assinada por Mário Vespasiano de Macedo, como os anteriores, é possível imaginarmos que se tratava de texto do próprio Thomaz Mazzoni, gerente do semanário.

“O C.A Paulistano, que do modo mais brilhante possível e desejável iniciou uma serie de jogos na Europa, conquistou ontem mais um louro para o esporte brasileiro, isto é, confirmou plenamente o conceito que de nós lançou no primeiro encontro. O aguerrido onze do Jardim América, que o invicto Friedenreich comanda como vanguardista nunca superado e talvez nunca superável, disse ontem mais uma vez, alto e bom som, do valor dos brasileiros.

Cantamos ontem, pois, nós os paulistas, pela tropa valorosa que se acolhe à sombra alvi-rubra, capítulo segundo da epopeia épica, alta e imortal que se impunha – agora mais do que nunca – que escrevêssemos aos olhos dos europeus.

Assim, com sonância do nome da nossa Pátria em todos os recantos do mundo, representativo de um povo forte mau grado o seu encolhimento e sua modéstia, o glorioso grêmio do Jardim América está a prestar ao seu país e ao seu povo um serviço inestimável, como lhes puderam ainda prestar eficientemente embaixadas diplomáticas de raro aparato e de incalculável custo para nós.

O Brasil é, sem duvida, no momento atual, o país cujo o nome esteja mais em foco mais aclamado na Europa e em todos os países do, mais admirado, mais popular no mundo onde a civilização seja um facto.

⁴⁶ *S. Paulo Sportivo*. 13 de Abril de 1925. Um tempo depois da volta desta excursão, o então jogador do Paulistano – ele foi emprestado na ocasião pela equipe do Santos ao time da capital paulista - Araken Patrusca publicou um livro com o nome “Os Reis do futebol” contando a história dos dez jogos em que atuou em campos europeus, demonstrando como este termo ficou marcado para os brasileiros. PATUSCA, Araken. *Os reis do futebol: les rois du football – les jornal Paris 1925*. São Paulo, S/e. 1945.

⁴⁷ *S. Paulo Sportivo*. 23 de Abril de 1925.

Somos, os brasileiros, uma manada de fracos e raquíticos: não somos uma sociedade mesclada de elementos de inferior cultura. Aqui levanta-se e floresce, desenvolve-se e ativa-se, trabalha e produz, uma raça nova e forte, capaz dos grandes feitos, de grandes conquistas.

Não é assim?

É. Porque é isto que Tigre, Araken, Mário, Filó, Sérgio, Kunz, Clodoaldo e outros estão a falar, alto e bom som, á face das civilizações multiculturais e orgulhosas. Mais uma vez – hurrah! Paulistano!”⁴⁸

O texto não deixa dúvidas sobre a grande comoção que foi construída a partir daquelas partidas de futebol. Construída na chave da emoção, a crônica tenta transparecer o sentimento que atingiria seu redator naquele momento, que seria equivalente a de outros contemporâneos. Novamente, exaltava-se a vitória não apenas do “glorioso grêmio do Jardim América”, mas dos paulistas e, principalmente, dos brasileiros. Estariam os jogadores do Paulistano mostrando “alto e bom som, do valor dos brasileiros” em Paris – em metáfora que traduz novamente a ideia de que a nação era construída a partir dos jogadores, estando em jogo o valor do homem brasileiro frente aos europeus. Por esse motivo, mesmo se tratando de apenas dois jogos o cronista era taxativo ao afirmar que o time paulista tinha realizado um feito “nunca superado e talvez nunca superável” em terras europeias. Por esta razão, seria esta uma “epopeia épica, alta e imortal que se impunha”. Uma simples excursão esportiva do “grêmio do Jardim América” tornara-se assim, na pena do articulista, uma trajetória heroica inesquecível.

Seria esta uma “epopeia” de tamanha importância não pelo simples fator esportivo, e sim pela questão patriótica que aquele desempenho representava. Isto porque o nome do Brasil estaria sendo comentado em “todos os países do, mais admirado, mais popular no mundo onde a civilização seja um facto”, isto é, na Europa. De tal modo que, isto seria o “representativo de um povo forte mau grado o seu encolhimento e sua modéstia, o glorioso grêmio do Jardim América está a prestar ao seu país e ao seu povo um serviço inestimável”, serviço este, que algumas “embaixadas diplomáticas de raro aparato” puderam também fazê-lo, no entanto, a custos muito mais elevados. Afirmando ser a Europa o centro civilizatório do mundo, estaria a equipe da capital paulista construindo para a

⁴⁸ S. *Paulo Sportivo*. 23 de Março 1925.

imagem do Brasil no continente um serviço de suma importância e com custos menores sem comparação.

Por isso, seria o Brasil o país mais falado e “mais aclamado” naquele continente. Tal importância não seria pouca tanto para o jornalista, como também para alguns intelectuais, principalmente aqueles pertencentes ao Movimento Modernista. Segundo Eduardo Jardim, mesmo na fase mais nacionalista deste movimento, estava em jogo o ingresso do Brasil em uma ordem universal, integrando o país numa suposta modernidade.⁴⁹ A vitória sobre os europeus atestaria assim que os brasileiros, mais do que inseridos na ordem moderna, estariam se destacando dentro dela por sua qualidade e excelência no futebol - o que explica afirmações como a de Oswald de Andrade, para quem “a Europa curvou-se ante o Brasil” por ocasião da excursão do CA Paulistano.⁵⁰

Mas porque este fato seria importante? O autor da matéria deixa transparecer no texto o motivo de tamanha importância ao rebater os preconceitos que definiriam então os brasileiros como “uma manada de fracos e raquíticos”. Baseados em trabalhos e reflexões construídas por autores como Gobineau e Spencer, alguns intelectuais brasileiros invocaram a autoridade de antropólogos e biólogos para afirmar que o cruzamento entre as raças, além de diminuir a vitalidade individual, acarretava perturbações de ordem psíquicas muito graves.⁵¹ Fundamentado nas teorias de desigualdade racial, Oliveira Vianna associava as elites como as raças superiores, e as camadas plebeias, como as inferiores, sendo a miscigenação de camadas inferiores de forma desorganizada entendida como um fator de degenerescência.⁵² Sobre este fator, segundo o autor do texto de *S. Paulo Sportivo*, este tipo de opinião sobre os brasileiros de uma maneira geral era errônea, sendo enfático no trecho em que afirmou “não somos uma sociedade mesclada de elementos de inferior cultura”. Pelo contrário, no Brasil “levanta-se e floresce, desenvolve-se e ativa-se, trabalha e produz, uma raça nova e forte, capaz dos grandes feitos, de grandes conquistas”, e o exemplo vitorioso daquela

⁴⁹ JARDIM, Eduardo. “Modernismo Revisitado” In *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol. I, N° 2, 1988. P. 220.

⁵⁰ ANDRADE, Oswald. “Postes da Ligth” In *Poesias reunidas*: São Paulo, Difel, 1966. P. 114.

⁵¹ CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920 – 1945*. São Paulo. Editora Brasiliense. 1988. P. 19.

⁵² *Ibidem*. P. 81.

excursão comprovava estas afirmações.⁵³ Portanto, se por um lado alguns intelectuais viam na suposta raça brasileira uma posição de inferioridade em relação aos europeus, por outro, o jornalista desconstruía tal conceito. Estaria no Brasil, se construindo a partir da miscigenação uma nova raça que se desenvolve e trabalha para ser capaz de grandes feitos e “grandes conquistas”, e a excursão do Paulistano seria a prova cabal para tal afirmativa.

Desta forma, o uso de forte discurso patriótico e de cunho nacionalista, aliado a uma forma de escrita leve, direta e que aproximava o conteúdo das páginas da paixão diária do leitor pelo esporte, produzia uma forma diferenciada de construir o jornalismo esportivo. Alimentado tanto pelo momento esportivo, quanto pelo contexto político e cultural dos anos 20,⁵⁴ aumentava a popularidade do *S. Paulo Sportivo* e de seu próprio gerente, Thomaz Mazzoni, que em oportunidades futuras fez largo uso desse tipo de texto⁵⁵. Gerente este que, não sabemos o exato ano, passou a trabalhar em outras publicações paulistanas na década de 1920.⁵⁶ Crescendo em popularidade e importância, a cobertura esportiva ganhava a partir da atuação de jornalistas como Mazzoni, mais espaço e destaque dentro dos jornais e convertendo-se em poderoso meio de estimular valores sociais como o patriotismo.

⁵³ Vale ressaltar que apesar dessa opinião, de certo modo hegemônica, negativa sobre a questão da miscigenação, em meados da década de 1920 começava a se construir uma noção diferente sobre a questão racial. Em vez de fator determinante e imutável, a ideia sobre raça passou a ser entendida como uma variável que poderia ser manipulada e moldada através da educação. O novo enfoque suscitou amplos debates sobre instrução pública, saúde e higiene. O discurso sócio-médico, higienista e educador assumiu roupagem científica. Neste sentido, o próprio esporte assumiu papel especial na construção da “nova raça” brasileira. Deste modo, a educação física parece intimamente ligada à eugenia. Fernando de Azevedo se mostrou pioneiro nesse campo. (85) A preocupação com a saúde visava não a cura, mas a preservação das boas condições do físico. Esta parte da medicina, denominada higiene, tinha como objetivo dar avisos úteis para prevenir doenças e fortalecer o corpo. *Ibidem*. P. 86.

⁵⁴ Segundo Maria Helena Capelato, nos anos de 1920 após o Movimento Tenentista ter se bifurcado entre esquerda (prestistas) e direita (integralistas) em ambos o nacionalismo se fortaleceu, assim como, através do “Manifesto Pau Brasil” de Oswald de Andrade.

⁵⁵ Em parte do capítulo II tratarei especificamente deste tema.

⁵⁶ Através da matéria “Nossos cronistas”, constatei que diversos jornalistas esportivos trabalhavam simultaneamente em mais de um jornal. Dessa forma, acredito que Thomaz Mazzoni não necessariamente abandonou seu posto de gerente no *S. Paulo Sportivo* para trabalhar em outras publicações, o que também não significa que ele contribuiu ao mesmo tempo com todos os jornais, mas que esta chance é possível. MAZZONI, Thomaz. *Almanach Esportivo* 1928. Op. Cit. P. 283 – 297.

2.4 A consolidação de um modo de produção jornalístico

Ao longo da década de 1920 Thomaz Mazzoni contribuiu com outras quatro publicações: *O Combate*; *São Paulo Jornal*; *Diário Nacional*, além de se tornar diretor de outro semanário, o *Estampa Esportiva*.⁵⁷ Tal fato demonstrava que, em meados desta década, o jornalista já havia alcançado certo reconhecimento e experiência na profissão que escolhera. Mesmo ainda não sendo possível afirmar que Mazzoni teria alcançado uma posição de destaque no meio do jornalismo esportivo, já podemos observar como ajudava a consolidar um modo de produção jornalístico que o levaria anos depois a uma posição de inequívoco prestígio frente a seus pares.

Esta consolidação se configura, de maneira clara, na forma assumida pelos *São Paulo Jornal* a partir de 1926, quando Mazzoni ingressa em sua redação. Em Fevereiro de 1926, antes da chegada de Mazzoni, a seção esportiva do *São Paulo Jornal* era dividida em assuntos de acordo com as respectivas modalidades esportivas tratadas na página, todas destacadas com títulos recuados a direita e em negrito.⁵⁸ Neste período a natureza dos textos e crônicas de partidas era objetiva, sem grandes análises e descrições sobre as temáticas. Na maioria das vezes, a parte opinativa do jornal ficava em segundo plano, dando lugar para um tratamento mais informativo das notícias. Por outro lado, se compararmos a linguagem aplicada pelo periódico com aquela do semanário *S. Paulo Sportivo*, esta seguia um tom mais rebuscado e bacharelesco, com pouco espaço para gírias e informalidades.⁵⁹

De modo súbito, nos últimos dois meses de 1926 e ao longo do ano de 1927 este modo de produção jornalístico se inverteria. Em 12 de Junho de 1927, quase toda a página esportiva da folha estava ocupada com matérias majoritariamente opinativas e analíticas.⁶⁰ Em “Apea Versus Laf: o que realmente houve na celebre assembleia do E. C. Corinthians”, por exemplo, podemos observar o uso informal da linguagem escrita, assim como o forte posicionamento do redator em relação ao tema tratado na matéria. Na matéria em questão, o redator publicou uma carta

⁵⁷ Apenas encontrei exemplares dos jornais *São Paulo Jornal* e *Diário Nacional*.

⁵⁸ *São Paulo Jornal*. 10 de Fevereiro de 1926.

⁵⁹ Ver “Futebol: novas demonstrações de atividades da liga de amadores” IN *São Paulo Jornal*. 10 de Fevereiro de 1926.

⁶⁰ *São Paulo Jornal*. 12 de Junho de 1927.

de um dirigente do Corinthians que relatava os estranhos acontecimentos de uma reunião interna da diretoria deste clube com a diretoria da APEA – Associação Paulista de Esportes Atléticos, entidade esta que comandava parte do futebol paulistano neste período, que também contava com a organização da LAF, Liga dos Amadores de Futebol.⁶¹

Dias antes desta publicação o jornal teria denunciado “a vergonhosa negociata” que teve como resultado “o retorno deste grêmio às fileiras apeanas”. Tal denúncia teria provocado ataques “de alguns esportistas que nos acoimaram de partidários em nossas apreciações”. Ao publicar a carta do dirigente corinthiano, Thomaz Mazzoni tentava provar que seu posicionamento era verdadeiro, transformando seu jornal em um dos sujeitos das disputas esportivas em questão. Não poupando os dirigentes do “campeão do centenário”⁶², assim como os da APEA presentes na reunião, a partir da transcrição da carta o cronista denunciava aos leitores “o valor moral de certos indivíduos nas causas referentes ao nosso tão angustiado futebol”. Tais atitudes teriam, para ele, uma única razão: o “dinheiro, só o dinheiro tem domínio nos ‘nobres gestos’ das entidades esportivas!”⁶³ Nesta fala, o jornalista demonstrava um posicionamento crítico em relação à atuação de certos dirigentes, que mesmo no período onde o profissionalismo não estava em vigência, atuavam, supostamente, com o objetivo maior na questão financeira, e não no desenvolvimento do esporte de uma maneira geral. Se outrora o caderno esportivo seguia a linha editorial descritiva e objetiva, em matérias como estas o redator esportivo lançava mão de textos opinativos e analíticos. Mais do que isto, o cronista demonstrava sua preocupação e interesse não somente pelos resultados esportivos, mas também sobre a questão da organização e administração desportiva, assim como o comportamento dos dirigentes brasileiros.

O slogan do caderno esportivo parece nortear a atuação daquela seção: “Cultivai o esporte para a perfeição da raça”. Entre as letras desta frase, apareciam animações de pessoas praticando diferentes esportes que eram cobertos nas páginas da folha, isto é: o futebol, o atletismo, o ciclismo, a natação e o

⁶¹ *São Paulo Jornal*. 12 de Junho de 1927.

⁶² Apelido recebido pelo Corinthians após este vencer o campeonato de 1922, competição esta no ano em que o Brasil completava 100 anos de sua independência.

⁶³ *São Paulo Jornal*. 12 de Junho de 1927.

automobilismo.⁶⁴ Portanto, a publicação além de lançar mão de algumas animações em suas matérias, tinha um foco claro de atuação e cobertura esportiva, e o mais importante, o espaço reservado à prática desportiva estava ali presente em virtude da crença que esta ação geraria um desenvolvimento e aperfeiçoamento da raça brasileira. O próprio jornalista tinha semelhante pensamento sobre a prática esportiva ser importante no desenvolvimento eugênico do brasileiro, exposta na introdução da primeira edição do *Almanach Esportivo* de 1928: “Hoje, a nossa mocidade como um gigante que se ergue, incitou e estendeu suas energias para a educação física em geral, em proveito de um futuro são da raça, dando-nos a expectativa do maior número de homens fortes e úteis á Pátria”.

⁶⁵ Independentemente se foi Thomaz Mazzoni que introduziu esse slogan na folha, fica claro que esta concepção sobre o esporte de uma maneira geral teria um lugar comum entre aqueles que militavam no jornalismo esportivo. Ao mesmo tempo em que se construía uma nova forma de conceber e produzir o jornalismo, identidades e compreensões pedagógicas sobre o desporto também eram construídas.

Em o *Diário Nacional* pude encontrar edições desta folha a partir de Maio até Dezembro de 1927. Todavia, próximo do mês de Setembro há uma clara alteração da linha editorial, período que coincide com a ida de Thomaz Mazzoni para *A Gazeta*. No período compreendido sob o comando do jornalista, em uma das matérias publicadas mais uma vez a parte opinativa ganhava força, sendo novamente construída a análise sobre os aspectos da organização e administração esportiva. Para o jornalista, a “tão desejada fusão” entre as entidades, seria importante porque, “de outro modo, não vencerá Apea ou Laf; perderá, sim, o nosso esporte; e é o que deve ser evitado, sejam quais forem os escrúpulos que impeçam a aproximação das duas entidades”.⁶⁶ O cronista construía sua argumentação entendendo que todos os esforços teriam que ser feitos para que se evitasse a permanência desta situação, isto é, da divisão do esporte paulista, e somente assim que este se desenvolveria.

⁶⁴ Ibidem.

⁶⁵ Sobre esta temática específica, analisarei mais profundamente no Cap. III deste trabalho. MAZZONI, Thomaz. “Duas palavras” In *Almanach Esportivo 1928*. Op. Cit. P. 10.

⁶⁶ *Diário Nacional*. 27 de Julho de 1927.

Outra questão importante que apareceu nas páginas do jornal durante o período em que Mazzoni fez parte de sua redação foi a ida da delegação brasileira as Olimpíadas de 1928 - ou melhor, a estrutura que permitiria a ida da delegação brasileira ao torneio mundial. A crônica “Por enquanto o preparo financeiro, e o técnico?” se posicionou na primeira página do caderno esportivo, a esquerda e com bordas em negrito, ganhando destaque em relação a outras matérias da folha esportiva. Segundo o texto, a maioria dos países já estaria organizando a preparação técnica de suas respectivas delegações, já que a questão financeira “foi cuidada com a devida antecedência”. Ao contrário desses países, o Brasil estava apenas começando a se organizar financeiramente. Mas que mesmo com esses problemas, a preparação se mostrou promissora, isto porque em 1924 – nas Olimpíadas de Paris -, os brasileiros se organizaram faltando apenas um mês para a competição começar. Pontuou que além desta questão, a parte técnica também deveria ser cuidada, para que os nacionais não se sujeitassem “a um fracasso ao lado da mocidade esportiva das outras nações civilizadas”.⁶⁷ Assim como os comentários sobre a excursão do Paulistano em 1925, também neste momento o aspecto competitivo do esporte, isto é, as vitórias nas variadas modalidades esportivas, era parte importante do discurso. Deste modo, não bastava apenas estar entre as “nações civilizadas”, os brasileiros teriam que mostrar o progresso da prática desportiva no país aos demais competidores, porque seria desta maneira que se incentivaria o desporto nacional e também a construção de uma imagem positiva do país internacionalmente.

Por outro lado, além da questão da organização e do aspecto técnico, o jornalista, assim como na matéria citada do *S. Paulo Jornal*, fazia questão de pontuar algumas opiniões sobre atuação e forma de agir dos dirigentes, nesse quesito, especificamente, sobre o contexto das Olimpíadas de 1928. Para o autor da matéria, “os líderes esportistas do Brasil, antes do mais, tratam da política, pela satisfação de vaidade estultas”, ainda sobre os políticos esportivos, recomendava que estes “ponham-se de lado as vaidades imperdoáveis e prejudiciais pelo menos as vésperas das Olimpíadas, e que se organizem as representações na altura de demonstrar lá fora o quanto vale e de quanto é capaz a mocidade do Brasil!”.⁶⁸

⁶⁷ *Diário Nacional*. 16 de Julho de 1927.

⁶⁸ *Ibidem*.

Deste modo, o redator posicionou suas argumentações claramente contra a atuação dos políticos e dirigentes esportivos, que segundo este, agiam com base em suas próprias “ vaidades imperdoáveis”, pondo em segundo plano a questão esportiva.⁶⁹

Chama atenção nesta última citação a forma como o autor construiu seu texto. Para além da questão analítica e opinativa sobre os dirigentes brasileiros, o jornalista se posicionava de forma direta e objetiva com seu leitor. Sem grandes floreios e rebuscamentos, fazia assim da crônica uma forma de bate papo leve entre escritor e o leitor. Tal construção fazia com que as opiniões expressas pelo autor fossem entendidas de forma direta, a exemplo seu entendimento sobre como os dirigentes deveriam agir, pondo-se “de lado as vaidades imperdoáveis e prejudiciais”.⁷⁰

Outra característica presente na seção esportiva tanto do *São Paulo Jornal* quanto do *Diário Nacional* durante o período em que Mazzoni colaborou em sua redação foi à extensa cobertura do futebol de várzea paulistano. No dia 24 de Julho de 1927 uma série de pequenos quadros com dados dos confrontos varzeanos como horário e local de encontro de equipes, local de realização das partidas e escalação são publicados no *Diário Nacional*, entre eles estava o “União Ideal FC X Fascista FC”.⁷¹ O *S. Paulo Jornal*, além dessas informações também publicou em alguns momentos a escalação das equipes varzeanas que iriam se enfrentar, no entanto, como o espaço reservado a este tipo de cobertura era menor nesta folha, acredito que apenas os jogos dos clubes mais famosos do futebol não oficial que eram publicadas, como por exemplo, do “Ítalo Luzitano X Vila Clementino”, sendo este segundo, “o quadro campeão da Vila Clementino”.⁷² Neste sentido, ambos os jornais eram usados pelos times de várzea para marcar jogos, fazer a chamada dos jogadores, e das partidas, e em contrapartida, ajudavam a atrair mais atenção para as folhas. Este tipo de cobertura, além de se diferenciar de boa parte dos jornais de grande circulação na capital, como *O*

⁶⁹ Dois dias antes o jornal também havia tecido críticas a atuação dos governantes brasileiros que, segundo a publicação, havia “descaso (...) pelo desenvolvimento físico da mocidade.” *Diário Nacional*, 14 de Julho de 1927. Esta questão sobre o caráter individualista alimentado pelas vaidades pessoais é posto uma argumentação presente em diferentes textos de Thomaz Mazzoni ao longo da década de 1930. Mais detalhes ver Capítulo II.

⁷⁰ *Ibidem*.

⁷¹ *Diário Nacional*. 24 de Julho de 1927.

⁷² *S. Paulo Jornal*. 12 de Junho de 1927.

Estado de São Paulo e o *Correio Paulistano*, ajudava ainda mais na aproximação entre a folha e o seu público leitor. Este público, especificamente associado a prática do futebol com a popularização deste esporte, passava a ser parte integrante da matéria jornalística - produzindo, portanto, uma nova forma de identidade esportiva, fato que exigia dos jornais esportivos também disseminar este tipo de discurso.

Ficava evidente, portanto, que o novo estilo jornalístico que Mazzoni ia imprimindo à sua produção se harmonizava com um tipo de jornal que baseava seu programa na busca do interesse do público uma de suas marcas principais. Se através de uma narrativa informal, porém direta ao seu leitor, ele ganhava a simpatia do seu público, escrevendo em folhas atentas ao interesse desse público dava a esta estratégia uma penetração ainda mais clara. Deste modo, sua produção ao longo da década de 1920 se mostra fundamental para entender tanto a forma pela qual cronista construiu/definiu seu estilo jornalístico quanto o processo que o levou a se tornar um dos mais importantes cronistas do campo esportivo em São Paulo nas décadas seguinte.

Da estreia no jornalismo até o final da década de 1920, Thomaz Mazzoni ajudou a consolidar um estilo de jornalismo esportivo que aprendeu em seus primeiros anos em *S. Paulo Sportivo*. Nos anos e trabalhos seguintes, o jornalista passava a dar marca própria a sua atuação, dando um tom mais opinativo e crítico. Fazia, portanto, um jornalismo de grande popularidade, e que através desta foi vista como uma forma de intervenção e militância dentro do campo esportivo. Na virada do ano de 1927 e 1928, Thomaz Mazzoni chegava *A Gazeta*, e lá teria a oportunidade de fazer com que suas ideias chegassem para ainda mais pessoas.